



“JOVEM E BONITO, VELHO E FEIO?”: OS HOMOSSEXUAIS IDOSOS E AS PUBLICAÇÕES HOMOERÓTICAS BRASILEIRA

Ms. Fábio Ronaldo da Silva¹
Dra. Rosilene Dias Montenegro²

Resumo: Mais do que nunca, na contemporaneidade, a homossexualidade está ligada ao “ser jovem” e, conseqüentemente, a ideia do ser jovem não deve aparecer apenas no rosto, mas também no corpo. Oscilando entre a imagem da “tia velha” e a do “tiozinho tarado”, os homossexuais idosos representariam uma das formas mais relevantes de alteridade abjeta e excluída dentro da atual experiência “positiva” da homossexualidade masculina visível. Weeks (1983) nos alerta sobre como a homossexualidade está sempre pautada em ser jovem, bonito e másculo e é esse o modelo que as revistas homoeróticas brasileiras estão apresentando em textos e imagens. Desta feita, torna-se importante refletir sobre o espaço e representações que as revistas homoeróticas brasileiras farão do desdobramento desse grupo, pois havia, até bem pouco tempo atrás, um silenciamento no tocante a existência desse grupo.

Palavras-chave: Mídia impressa, homossexualidade, velhice, desejo.

O aumento da proporção de idosos entre a população é um fenômeno mundial bastante significativo que muitos a percebem como uma "revolução demográfica". Nos últimos cinquenta anos do século XX, a expectativa de vida aumentou em cerca de vinte anos.

A ideia de envelhecimento vem mudando ao longo do tempo, impulsionada não apenas pelos avanços nos vários campos do conhecimento que proporcionam o aumento do tempo de vida, mas também pelos recursos da medicina e da área de saúde em geral.

Elias (2001) nos mostra que as pessoas, quando envelhecem, geralmente são vista como um desvio social e os outros, os de “idade normal” não se veem no lugar daquelas que envelhecem. Autor ainda afirma que,

¹ Professor do curso de Jornalismo das Faculdades Integradas de Patos e da Cesrei Faculdade. fabiocg@gmail.com

² Professora do Depto. de História e Geografia da Universidade Federal de Campina Grande. rosilenedm@hotmail.com

a identificação com os velhos e os moribundos compreensivelmente coloca dificuldades especiais para as pessoas de outras faixas etárias. Consciente ou inconscientemente, elas resistem à idéia de seu próprio envelhecimento e morte tanto quanto possível, (ELIAS, 2001, p.80).

No Brasil a população de idosos passou a ser motivo de interesse mais constante nas diversas áreas a partir do século XX, impulsionado pelo crescimento do número de pessoas nessa faixa etária. Entretanto, há poucos estudos sobre homossexualidade e envelhecimento, como apontam Pocahy (2004), Motta (2009) e Weeks (1983). Este último, ao refletir sobre a homossexualidade dos velhos, destaca que há poucas pesquisas teóricas e informações empíricas sobre o processo de envelhecer. Ainda para esse autor, o envelhecimento enquanto experiência deve ser percebido a partir de suas particularidades e reconhece que,

ainda é um pouco surpreendente que se saiba tão pouco sobre os problemas enfrentados pelos homossexuais mais velhos, pois esses supostos problemas têm assomado tanto nas atitudes sociais convencionais perante a homossexualidade quanto na mitologia do próprio mundo gay. Por exemplo, há um sentimento amplamente difundido de que a cena comercial gay e também a cena gay mais politizada são muito orientadas para a juventude, valorizando muito a aparência jovem e bela, a riqueza, o hedonismo complacente e o sucesso medido através do índice de conquistas sexuais casuais. O caráter transitório de muitos encontros sexuais, por sua vez, alimenta o medo da solidão na velhice. (WEEKS, 1983, p.238).

Mesmo existindo um parco trabalho³ sobre homossexuais idosos mais raro ainda são os estudos sobre esse grupo referente à mídia homoerótica que, cada vez mais vem se segmentando – hoje é possível encontrar publicações voltadas para vários grupos e tipos de homossexuais no país⁴ – mas é perceptível a ausência de publicações homoeróticas voltadas para os homossexuais idosos. Elias (2001) já ressaltava que a experiência do envelhecimento não se dá de forma universal entre os diferentes grupos sociais. Desta feita, com a ausência de um periódico totalmente voltado para esse público, é preciso então analisar qual o espaço que revistas homoeróticas do Brasil vão oferecer em suas páginas para esse grupo e de que forma o mesmo é representado.

É importante lembrar que, foi por conta desses homossexuais, hoje idosos, que muitas mudanças referentes ao processo de visibilidade e de aceitação foram possíveis

³ Cito aqui Simões (2004) e Pocahy (2008)

⁴ Podemos citar como exemplo a revista *Bear* (voltada para homossexuais gordos ou para quem se interessa por tal perfil), além das revistas *A capa* e *Lado A* (para aqueles que cuidam do corpo e se interessam por assuntos ligados a televisão e cultura), dentre outras.

no nosso país e aqui é possível destacar alguns eventos nos quais eles estiveram envolvidos de forma direta e indireta.

Ao procurarem definir, de modo amplo, nos âmbitos público e privado, seu espaço na política, na economia e nas questões relativas à sexualidade, mulheres e homossexuais organizaram-se para contestar a discriminação que sofriam, propondo outras mentalidades, outros comportamentos, outras perspectivas, “outras palavras” para as relações entre os sexos, questionando, sobretudo, a masculinidade hegemônica: branca, heterossexual e dominante, (ARILHA, 1998).

Green (2000), Parker (1991), dentre outros autores, vão traçar uma trajetória da homossexualidade masculina no nosso país, e mostrar que o processo de migração em massa para as metrópoles brasileiras, principalmente nas décadas de 1950 e 60, fez com que surgissem grupos que davam maior visibilidade às questões homossexuais, incluindo a formação do primeiro periódico no Brasil voltado para o público gay, que foi o jornal *O Snob*, que surgiu no Rio de Janeiro dos anos 60.

Como nos mostra Fry (1983), ao mesmo tempo que os movimentos homossexuais surgiram com o objetivo de repensar a identidade homossexual e ajudar no combate ao preconceito social, a homossexualidade se tornou mais visível. No Brasil, podemos perceber que tal público passou a ser visto de forma menos deturpada, na mídia especializada e, no fim da década de 1990, as paradas gays, possibilitaram que as minorias, em especial, os homossexuais passassem a ir as ruas no intuito de expressar/mostrar sua orientação sexual bem como pela busca de direitos inclusivos.

É importante mencionar que, no tocante às publicações voltadas para homossexuais no Brasil, por muito tempo, o que era produzido não era feito por eles, “foram raríssimos aqueles que ousaram deixar testemunhos de próprio punho sobre a sua condição, pelo menos até os anos 1960”, (GREEN, 2006, p.17). Antes de 60, o que se podia ler sobre os homossexuais estava em relatórios médicos, boletins ou páginas policiais e em matérias jornalísticas sobre o carnaval.

O surgimento de *O Snob* foi bastante importante para o nascimento da chamada “imprensa gay”, pois foi a partir dele que outros jornais, durante os anos 60 e 70, passaram a ser produzidos não apenas no Rio de Janeiro, mas em várias regiões do país, dentre eles *O centro*, *Darling*, *Gay Society*, *Baby*, *Lê Sophistique* e *Entender*, (GREEN, 2006, p. 156). A grande maioria composta por jornais artesanais, alguns feitos a mão e com tiragem de exemplar único, distribuídos de mão em mão, cujos autores geralmente se escondiam sob pseudônimos. A existência de publicações desse tipo possibilitou, em

1962, a fundação, no Rio de Janeiro, da Associação Brasileira de Imprensa Gay, a qual teve como diretores Agildo Guimarães e Anuar Farah.

A efervescência política e cultural dos anos 60 e 70 foi o cenário que fez surgir um movimento gay organizado no Brasil que, em consonância com o movimento feminista, buscava questionar o sistema de gênero no país, (SANTIAGO, 1998). Enquanto os periódicos dirigidos aos homossexuais tinham sua circulação reprimida, surgiam novos pontos de diversão e socialização, mas, na sua grande maioria, voltados para gays jovens. No início da década de 70, saunas e boates surgiram como pólos de concentração e encontros homoeróticos, permanecendo estes relativamente livres da atenção do regime militar que, por sua vez, estava ocupado em controlar as produções artísticas e os meios de comunicação.

Em 1976, antigos colaboradores de *O Snob* fundaram o *Gente Gay*, considerado “a primeira de uma onda de novas publicações que marcaram o início de um movimento politizado de gays e lésbicas no país”, (MACRAE, 2000, p. 314), além de fofocas e notícias internas, trazia informações sobre o movimento homossexual internacional. Dentre as publicações que caracterizaram a chamada imprensa alternativa, da qual o jornal carioca *Pasquim* foi o representante pioneiro, surgiu, em 1978, o *Lampião da Esquina*, produzido por jornalistas, artistas e intelectuais, que se lançou como questionador da moral vigente, visando predominantemente o público homossexual.

Apesar de servir como forma de comunicação entre os grupos, o jornal *Lampião da Esquina* se pretendia autônomo em relação ao movimento e seus produtores objetivavam atingir não só os homossexuais, mas todas as pessoas interessadas em discutir a sexualidade. Além disso, pretendia discutir questões referentes a outros grupos minoritários discriminados, como as mulheres, os negros e os índios.

Com o fim do *Lampião*, ocorrido em 1981, por algum tempo o público homossexual contava apenas com as revistas eróticas⁵ e/ou pornográficas, a maioria delas estrangeiras, centradas na publicação de fotos de nu e cenas de sexo, e com as publicações internas dos grupos, de alcance bem mais restrito entre os não-militantes. Em meio a essa carência de publicações especializadas dirigidas ao público homossexual, em especial, o masculino, em 1995, surgiu no mercado editorial brasileiro *SuiGeneris*, revista de circulação nacional. Desvinculada dos grupos organizados,

⁵ Segundo Abreu (1996) sob o rótulo de erótico estão abrigadas aquelas obras que abordam assuntos relativos à sexualidade com teor “nobre”, “humano”, “artístico”, problematizando-os com “dignidade” estética, e de pornográfico as de caráter “grosseiro e vulgar”, que tratam do sexo pelo sexo, produzidas em série com o objetivo evidente de comercialização e de falar somente aos instintos.

apesar de contar com colaboradores que fizeram parte da história do movimento e enfrentando, a exemplo de publicações anteriores, problemas como falta de anunciantes e censura extra-oficial, *SuiGeneris* surgiu como produto da segmentação do mercado editorial que propunha discutir, com homossexuais e heterossexuais, questões relativas à homossexualidade.

A revista investiu numa possibilidade de afirmação do “ser gay” através de temas como cultura, comportamento, moda e entrevistas com grandes nomes do meio artístico/político nacional. O que acabava sendo um grande diferencial as matérias trazidas pelas revistas voltadas para homossexuais masculinos na década de 60 e 70. A *SuiGeneris* apostava numa postura militante sem os excessos e estilo do ativismo dos anos 1970. Esta publicação buscava refletir a atitude do “assumir-se”, mas também destacava a validade do desejo homoerótico e buscava fortalecer a autoestima dos seus leitores. Circulou de janeiro de 1995 a março de 2000, quando, por motivos financeiros, encerrou sua publicação.

Em 1997, a Fractal Edições colocou no mercado aquela que foi a principal concorrente da *SuiGeneris* na busca de leitores e de anunciantes. A revista *G Magazine*, periódico que tem como especialidade o nu masculino, passou a se destacar das demais e que tinham a mesma proposta, pelo fato de trazer em suas capas personalidades famosas, como jogadores, atores e cantores bem como expor nu frontal e o falo ereto. Novas revistas voltadas para o público homossexual masculino só viriam a ser lançadas no final de 2007.

Com proposta de não mostrar ensaios eróticos, mas sensuais, sem exposição do falo e tentando pautar-se mais como revistas de comportamento do que como publicações eróticas, são lançadas *Júnior* e *DOM* (De Outro Modo). *Júnior*, da editora Sapucaia, é uma produção de André Fischer, que dirige, há quinze anos, o MIXBrasil primeiro site sobre a chamada “cultura homoerótica” do Brasil. Ao contrário das outras revistas voltadas para tal público e que já existiam no mercado, a *Júnior* traz em suas páginas anúncios de marcas⁶ internacionais, algo raro, pois no Brasil, até então, as grandes empresas insistiam em não ligar sua marca a produtos “gays”. *Júnior* tem como política editorial atingir o novo homem, isto é, os garotos que cresceram em um

⁶ É importante lembrar que na década de 1980, período de surgimento da AIDS no mundo, as empresas não produziam anúncios voltados para os homossexuais e muito menos queriam ligar seus produtos a imagens dos mesmos, pois se acreditava que a doença era uma doença de “gays” e ligar os produtos a esse tipo de público era algo que levaria ao fracasso. Com os avanços da medicina e a dissociação da imagem do homossexual a essa doença, publicitários americanos e europeus passaram a produzir propagandas e produtos voltados para esse grupo, começando a se criar assim, o chamado “mercado gay”.

ambiente social mais tolerante com a busca pela igualdade de direitos, com a diversidade sexual.

É importante destacar que, mesmo sendo publicadas para um público específico, os periódicos acima citados, raramente, ofereceram espaço em suas páginas para falar sobre os homossexuais idosos. As primeiras publicações, como o *Lampião da Esquina*, por exemplo, estavam mais interessadas em dar visibilidade aos homossexuais e denunciar agressões sofridas por gays do que trazer matérias sobre determinados nichos. O mesmo se aplica ao *Snob*, *GenteGay* e a *SuiGeneris*.

Mesmo estando inseridos de diferentes formas e momentos na história pela afirmação e visibilidade da identidade homoerótica, para os homossexuais idosos, quase sempre, é oferecido o silêncio, o não-lugar, pois entre os vários preconceitos existentes entre os homossexuais, estão aqueles contra os que dão “pinta”, isto é, que possuem traços femininos, e entre aqueles que são “bichas mariconas”, ou seja, homossexuais velhos.

Magnavita (2008, p.04) discutindo a respeito do “ideal” que há na mente das pessoas, e em especial, naquelas que são homossexuais afirma que,

um sujeito pode ser homossexual, contanto que não seja uma "maluca desvairada e caricata" (leia-se: afeminado) e, ao que parece, ser "velho" é também um demérito, e não uma condição natural e inevitável da biologia. Tal discurso não dá espaço para a invenção da homossexualidade a partir de um ativismo constante e auto-questionador, conforme nos propõe Foucault. Existe, para este tipo de militante, uma forma ideal de ser homossexual, uma forma que, justamente por ser idealizada, exclui terminantemente uma realidade: efetivamente, existem homens homossexuais afeminados, quer gostem disso ou não os gays descolados, modernos e másculos⁷.

Tal afirmação do autor nos indica que, dentro do próprio grupo que já é estigmatizado por grande parte da sociedade heterossexual, existem outros grupos que sofrem preconceitos por não serem viris, por serem gordos, velhos etc. O que nos mostra que há uma seleção, dentro do grupo homossexual, do que é e o que não é bem vindo, o que podemos denominar de preconceito, havendo dessa forma, um grupo que domina, isto é, os másculos, viris, pois são discretos, logo, não percebidos pela sociedade quanto a sua orientação sexual e os dominados, os efeminados, os velhos, gordos, etc que causam “vergonha” ao grupo. Ou seja, o grupo que estava a margem

⁷ Retirado do sítio: <http://www.portalcienciaevida.com.br/ESFI/Edicoes/22/artigo87205-1.asp> acessado em 30/08/2011.

passa a ser centro e os homossexuais velhos, em específico, tornam-se a nova margem neste grupo (PAIVA, 2009).

Weeks (1983) nos alerta sobre como a homossexualidade está sempre pautada em ser jovem, bonito e másculo e será esse modelo que as revistas homoeróticas brasileiras estão apresentando em textos e imagens.

Como afirma um depoente para Perlongher (1987, p.106), “(...) o movimento *gay* não liberou esse preconceito de idade (...) estamos no meio da cultura da juventude: importa a masculinidade, mas também importa a idade”. É como se os gays vivessem um eterno complexo de Peter Pan, onde o envelhecimento é o principal vilão que deve ser combatido a todo custo, toda hora. Do contrário, deixará de ser um corpo desejado, tornando-se um corpo abjeto e que deverá ser escondido.

Se existe uma representação prestigiosa do corpo, com base na representação e ideário de beleza socialmente construída, da mesma forma é possível perceber uma construção cultural simbólica que carrega sentidos em torno da idade e sua relação com as experiências sexuais. No tocante a homossexualidade,

o corpo velho parece evidenciar uma espécie de pânico produzido pela imagem de deterioração legado pelo mito da velhice, cuja fragilidade e horror são amplamente produzidos no interior das “comunidades” gays, que produzem novos efeitos em torno de certa *homonormatividade* [Grifo do autor] baseada no ideal de juventude e individualismo. (MOTA, 2009, p.07)

Mais do que nunca, homossexualidade está sempre ligada ao “ser jovem”, conseqüentemente, a ideia do ser jovem não deve aparecer apenas no rosto, mas também no corpo que deve sempre ser “sexy”, “gostoso”, “malhado”, “sarado”, “atletico” e “saudável”.

Oscilando entre a imagem da “tia velha”, exageradamente afeminado, desprovido de atrativos e meio gagá, e a do “tiozinho tarado”, capaz de atacar inesperadamente qualquer jovem “inocente”, os homossexuais idosos representariam uma das formas mais proeminentes de alteridade abjeta e excluída dentro da atual experiência “positiva” da homossexualidade masculina visível.

Desta feita, torna-se importante para nós, historiadores, se debruçar sobre a imprensa voltada para grupos minoritários, em especial o público homossexual masculino, pois a existência desse tipo de publicação não atribui automaticamente um

lugar de fala para o homossexual na sociedade. Indo mais além, através das revistas voltadas para tal grupo é possível analisar qual o espaço e representações que elas farão do desdobramento desse grupo, pois até então, é como se os homossexuais idosos não existissem, havia um silenciamento no tocante a existência desse grupo tido, normalmente por essas publicações homoeróticas e pelos próprios homossexuais, como pessoas duplamente abjetas, isto é, pela questão da idade e do corpo, que vai fugir do “padrão de desejo”.

Lidar com as limitações biológicas da existência e aceitar o corpo em degeneração continuam sendo um dos principais desafios na contemporaneidade, basta observarmos a obsessão que as pessoas, pelo menos no Ocidente, tem com as formas corporais e a apresentação juvenil que atravessa todo o complexo da moda, das academias de ginástica, dos anabolizantes, dos cosméticos, da cirurgia plástica e das demais tecnologias de manutenção corporal, (Goldenberg, 2008).

Se a preferência pela juventude e a antipatia pela velhice é comum na história das concepções ocidentais sobre envelhecimento, e também constituem sentimentos disseminados na chamada cultura de consumo contemporânea,

eles parecem atingir o seu ápice quando se considera a chamada “cultura gay masculina” dos centros urbanos e das metrópoles. Nesse cenário, aparentemente marcado pelo hedonismo complacente e pela obsessão com atributos físicos capazes de suscitar atração e desejo, em que tudo parece girar em torno de um mercado sexual hierarquizado por critérios de juventude e beleza, não haveria lugar para pessoas de mais idade, que carregariam os estereótipos derivados da depreciação de sua atratividade como parceiros sexuais desejáveis (...), (SIMÕES, 2003, p 05)

Aos mais velhos, só restariam pagar para desfrutar de companhia fugaz e arriscada. E essa concepção ou “verdade” que geralmente está imbricada ao ser homossexual idoso nos remete a Foucault (2003) que vai trabalhar com a interseção saber/poder afirmando que a verdade pode ser vista como social e histórica: “A verdade é deste mundo; ela é produzida nele, graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder.” (p.12).

O autor fala de uma política ou regime da verdade, que cada sociedade possui para regulamentar discursos tachados de falsos ou verdadeiros, sancionando assim alguns e produzindo efeitos de poder relacionados ao discurso “verdadeiro”. Para ele, a verdade (ou o saber) é o conjunto de regras segundo as quais se distingue o verdadeiro

do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder. Em se tratando da jovialidade e beleza, aquela que é mais “verdadeira” que as outras se torna mais legítima possuindo, dessa forma, um mecanismo de poder sobre outras.

A produção discursiva torna-se, então, “controlada, selecionada, organizada e distribuída” por um número de procedimentos, os quais têm o poder de aceitar, excluir ou interditar, conjurar poderes e perigos, dar direitos e privilégios exclusivos ao sujeito que fala (FOUCAULT, 2003). No caso da representação dos homossexuais idosos feitas nas revistas homoeróticas como a *G Magazine* e *Junior*, por exemplo, é válida a daquele que se cuida, que está preocupado em ficar com aparência de homem jovem e bonito; que procura sempre fazer com que a velhice não esteja ali, a mostra de quem quer ver. Em boa parte das matérias, esses homens idosos e homossexuais aparecem como pessoas que só tinham desejos sexuais quando eram jovens. Na velhice, eles são representados como pessoas que não possuem desejos sexuais. Ser homossexual idoso, nas matérias dessas revistas, especificamente, está ligado à imagem daquele que disfarça a velhice e que são carentes de relações afetivo-sexuais.

Referências Bibliográficas

ABREU, Nuno César. **O olhar pornô**: a representação do obsceno no cinema e no vídeo. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

ARILHA, Margareth; et al (orgs). **Homens e masculinidades**: Outras palavras. Ed. Ecos. São Paulo. 1998.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos** - Envelhecer e morrer. Rio de Janeiro/RJ: Jorge Zahar, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

FRY, Peter. **Para Inglês ver**: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GREEN, James. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

GOLDENBERG, Mirian. **Coroas**. Corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade. Rio de Janeiro: Record, 2008.

MACRAE, E. **A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

MOTTA, A. B. Envelhecimento e Sentimento do Corpo. In: MINAYO, M. C. S.; COIMBRA JR., C. E. A. (orgs.). IN, **Antropologia, Saúde e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

PAIVA, Crístian. **Corpos/Seres que não importam? Sobre homossexuais velhos**. Revista Bagoas. N.04, UFRN, 2009.

_____. **Pulsão invocante e constituição de sociabilidades clementes**: notas etnográficas sobre karaokê numa sauna em Fortaleza. ANAIS do 33º. Encontro Anual da ANPOCS, 2009.

PARKER, Richard. **Corpos, Prazeres e Paixões: A Cultura Sexual no Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Editora Best-Seller, 1991.

POCAHY, Fernando Altair. **Envelhecer nas tramas da hetero e da homonormatividade**: marcas do poder, travessias e (re)invenções de si. Projeto de tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS, 2008.

SIMÕES, Julio Assis. Homossexualidade Masculina e curso de vida: Pensando idades e identidades sexuais. IN. **Sexualidades e saberes: Convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamod, 2004.

WEEKS, Jeffrey. Os problemas dos homossexuais mais velhos. IN **Teoria e prática da Homossexualidade**. HART, John & RICHARDSON, Diane. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1983.